

MASSORET HABRIT

0 ELO DA TRADIÇÃO

De 2 a 8 de Maio de 2020

De 9 a 15 de Iyar de 5780

Ano 1 nº 29

Shabat Acharei Mot Kedoshim

NESTA ÚLTIMA QUINTA-FEIRA
FIZEMOS A CONTAGEM DO 22º DIA
DA CONTAGEM DO ÔMER



**SANTIDADE É PAGAR SALÁRIOS EM DIA,
BALANÇAS CORRETAS E JULGAMENTOS
JUSTOS SEM PROTEGER OS PODEROSOS**

ENTREVISTAS DA TORÁ

Concluimos hoje, a série de entrevistas que começamos semana retrasada com testemunhas presenciais da trágica morte de Nadab e Abihu, os filhos de Arão, durante a inauguração do mishkan, com uma difícil entrevista com Elisheva bat Aminadab, a mãe dos meninos. A impressão que paira na redação do Massoret Habrit é a de que, mesmo ouvindo testemunhas tão próximas, não ficam claros os motivos da tragédia. E você, leitor, com a vantagem do distanciamento histórico, o que acha?

Como esta semana será feita a leitura de duas parashiot, foi feita também uma entrevista com Khalil ibn Fayez, um egípcio que acompanhou a caravana de hebreus que partiu a primeira com os hebreus.

1 • MASSORET HABRIT

Sra. Elisheva, com todo o respeito por sua dor, a senhora pode nos falar o que significou a perda de seus dois filhos?

ELISHEVA – Foi muito mais que a perda. Até a inauguração do Mishkan, eu era a mulher mais orgulhosa do acampamento. Meus filhos ordenados sacerdotes, o Arão, meu esposo, indicado como o Sumo Sacerdote. Meu irmão Nachshon, que também foi entrevistado pelo CJNEWS, era um dos nossos grandes heróis, pois foi ele que iniciou a travessia do Mar Vermelho. E até do meu cunhado Moisés eu me orgulhava, afinal ele era o grande líder daquele povo todo. De repente, vem aquela tragédia, os meninos morrem e não tive o amparo do Arão naquele momento tão difícil. Praticamente sozinha, eu tive que enterrar num mesmo momento meus dois filhos. Nem pude assistir direito ao enterro deles, Moisés cobrou de Arão uma postura condizente com a dos sacerdotes, que devem reagir aos desígnios de Deus de maneira diferente dos demais. O pior é que Arão concordou e, em nenhum momento, vi lágrimas nos seus olhos. Esses homens não conseguem entender a dor de uma mãe com a perda de um filho. Pouco importa se ele seja um sacerdote, um cidadão comum, mesmo um bandido. Mãe é mãe.

2 • MASSORET HABRIT

A senhora sabe o que eles fizeram para receber uma penalidade tão grave?

ELISHEVA – Me falaram tanta coisa: que eles tinham entrado com fogo proibido no Mishkan. Falaram também que eles teriam entrado embriagados no Mishkan. Umas fofoqueiras me disseram que eles foram punidos porque não deram bola para as moças do acampamento, que estavam doidas para casar com eles. Se entraram embriagados, eles não estavam conscientes do que faziam, logo, não podiam ser condenados por um Deus tão tolerante. Eles não queriam se casar com as moças daqui? Qual o problema? Tem tantos outros garotos. O fogo estranho? Desde quando Deus se preocupa com a forma, o que importa é o conteúdo. E aquele fogo foi feito exatamente para demonstrar o amor incondicional deles pelo Supremo. Você acha mesmo que isso justifica essa morte? Conheço gente, aqui no acampamento, que fez coisa pior e não aconteceu nada. Só porque eles devem servir como exemplos? Exemplos do que? Acho que nunca existiu e nunca vai existir gente que tenha tanto amor a Deus como aqueles dois meninos tiveram. Mas se, de verdade, Deus estava insatisfeito com alguma coisa que eles fizeram, bastava retirar-lhes o direito ao sacerdócio e deixá-los vivos ao meu lado.

3 • MASSORET HABRIT

Agradecemos muito essa sua corajosa entrevista, mas a senhora não gostaria de deixar uma mensagem ao encerrarmos essa série de entrevistas que tentaram elucidar a morte de seus filhos?

ELISHEVA – Sei que muitas pessoas não vão concordar com o que vou dizer. Muito menos o Arão e o Moisés, dos quais, não posso negar, guardo uma enorme mágoa desde aquele momento. Tenho ouvido várias reclamações da turma aqui, da falta de água, do gosto do maná, das dificuldades do caminho. Pouco depois daquela maravilhosa abertura do Mar vermelho, coordenada pelo meu irmão, o povo chegou a dizer que tinha saudades do Egito, porque lá havia uma mesa farta. Quem viveu lá sabe das enormes dificuldades que tínhamos e quantas vezes fomos dormir de barriga vazia. Ao contrário dessas pessoas que reclamam por reclamar, eu, sim, posso dizer que queria voltar aos tempos do Egito. Lá eu tinha todos meus filhos, meu marido estava ao meu lado. Perdi muito nesse ano no deserto. O que ganhei?

ELISHEVA

Como esta semana será feita a leitura de duas parashiot, foi feita também uma entrevista com Khalil ibn Fayez, um egípcio que acompanhou a caravana de hebreus que partiu do Egito, após a libertação da escravidão. Khalil ibn Fayez é um egípcio praticamente anônimo.

1 • MASSORET HABRIT

O que fez um jovem egípcio abandonar tudo no Egito e acompanhar o povo hebreu? Será que foi alguma mensagem semelhante a que recebeu nosso patriarca Abraão quando ele partiu para Canaã?

KHALIL IBN FAYEZ – Não recebi mensagem de divindade nenhuma. Aliás, quando eu vivia no Egito eu era meio idólatra, sabe? Como ninguém me conhece, eu podia dizer que tive um insight, uma visão que me dizia que eu deveria abandonar tudo o que eu tinha e acompanhar o povo que quase destruiu o Egito, através das pragas. Mas para ser sincero, não abandonei praticamente nada, lá no Egito. Minha família não possuía bens, nem eram amigos do faraó ou de alguém da corte. A hora que vi aquela multidão saindo, achei que era minha oportunidade peguei a pena, um papiro e deixei uma mensagem para a minha família, dizendo que ia buscar uma vida melhor para mim. Ali na saída mesmo, comendo aquele pão não fermentado, me converti ao judaísmo e estou me sentindo muito feliz.

KHALIL IBN FAYEZ

2 • MASSORET HABRIT

E como o povo vem te tratando? Você acha que existe preconceito contra um estrangeiro como você?

KHALIL IBN FAYEZ – Sei que não é fácil, todo mundo que me vê, lembra do sofrimento no Egito e alguns poucos é verdade, até me culpam por isso. Eu respondo que não tenho nada a ver, que, inclusive minha família vivia praticamente nas mesmas condições que os judeus. E eu falo do sofrimento que nós, do povo, tivemos com cada uma daquelas pragas que quase destruíram o Egito. Passamos fome, sede, muitas dificuldades. Sofri muito, naquele último golpe contra o Egito com a morte do meu irmão mais velho às vésperas da partida do Egito. Mas não posso me queixar, a maioria do povo me trata bem.

3 • MASSORET HABRIT

Mas afinal de contas, como é esse negócio de santidade?

KHALIL IBN FAYEZ – Eu achava que eles iam falar que, santidade tinha a ver com a prática religiosa, que deveríamos ficar horas rezando no pátio do mishkan. Mas não, santidade, pelo que o Moisés anda falando, ser santo é pagar o salário em dia, ter respeito aos deficientes. Falaram até que santidade tem a ver com balanças corretas, julgamentos justos sem proteger os poderosos. Acho que se o faraó e outros poderosos prestarem atenção nisso, eles diriam que esse não era um povo sério.

4 • MASSORET HABRIT

E os líderes do acampamento, como veem tua situação?

KHALIL IBN FAYEZ – Acho que é aí que está a diferença. Praticamente todo dia vem alguém, faz um sermão para o povo dizendo que o estrangeiro deve ser tratado como igual. Eles dizem que os judeus que foram maltratados em seu exílio, não têm direito de tratar de maneira injusta os estrangeiros que vivem com eles. No discurso do Moisés, do Arão, do Josué e de outros líderes, eles defendem o direito do estrangeiro, da viúva, do órfão, enfim de dos aqueles que são diferentes. Mas esta semana o Moisés arrebitou. Ele falou uma frase que acho que vai ficar para a história. Ele disse: “Ama teu próximo como a ti mesmo”. E ele vem dizendo que a principal exigência de amar para Israel, é buscar amar a si próprio em seu companheiro, seu semelhante, mas também no estrangeiro, seu diferente. Tomara que o povo entenda essa mensagem para sempre.

ESTA SEMANA NO MUNDO JUDAICO

YOM HAZIKARON YOM HAATZMAUT

O quarto de Iyar, o dia anterior ao Dia da Independência de Israel, foi declarado pelo Knesset (parlamento) israelense como um dia recordação para aqueles que perderam a vida na luta que levou ao estabelecimento do Estado de Israel e para todo o pessoal militar que foram mortos enquanto estavam em serviço ativo nas forças armadas de Israel. A união desses dois dias transmite uma mensagem simples: os israelenses devem a independência e a própria existência do estado judeu aos soldados que sacrificaram suas vidas por isso.

Durante 24 horas, todos os locais de entretenimento público (teatros, cinemas, boates, pubs, etc.) estão fechados. A característica mais notável do dia é o som de uma sirene que é ouvida duas vezes em todo o país, durante a qual a nação inteira observa uma parada de dois minutos de todo o tráfego e atividades diárias.

A “troca” oficial de Yom Hazikaron para Yom Haatzmaut ocorre alguns minutos após o pôr do sol, com uma cerimônia no Monte Herzl, em Jerusalém, onde é hasteada a bandeira israelense e cantado Hatikva. O presidente de Israel faz um discurso.

Além das cerimônias oficiais, os israelenses comemoram o Yom Haatzmaut de várias maneiras. Nas cidades, as festas noturnas podem ser encontradas nas ruas principais. Multidões se reunirão para assistir a shows públicos oferecidos gratuitamente pelos municípios e pelo governo. Muitos



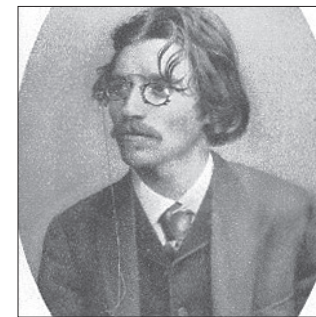
passam a noite dançando danças folclóricas israelenses ou cantando canções israelenses. Yom Haatzmaut é concluído com a cerimônia de concessão do “Prêmio Israel”, reconhecendo israelenses individuais por sua contribuição única à cultura, ciência, artes e humanidades do país.

O caráter religioso de Yom Haatzmaut ainda está em processo de formação e ainda está sujeito a debate. As comunidades Massorti, reformista e o movimento iniciou uma versão da oração Al HaNissim (“Concernente aos Milagres”) a ser adicionada à Amidah (a oração central recitada em pé) em Yom Ha’atzmaut, de maneira semelhante ao que ocorre em Hanuka e Purim, datas que comemoram milagres na nossa história.

Para judeus de todo o mundo, unir-se aos israelenses que comemoram o Yom Haatzmaut se tornou um elo concreto na conexão judaica com a terra de Israel.

13 de maio de 1916 10 de Iyar de 5776

YURTZAIT DE SHOLEM ALEICHEM



Qual o alcance da pena de um escritor? Qual a sua função na sociedade? O olhar do escritor nos ajuda a compreender o passado? Os escritores seriam profetas que lançam luzes sobre o futuro? A obra de Sholem Aleichem sugere respostas a estas questões.

O escritor passou a vida entre as fronteiras do que hoje é a Rússia e países vizinhos. Viveu na região onde havia considerável presença judaica, que desapareceu com o holocausto. Diferente da maioria dos jovens judeus, Sholem Rabinovitch – seu nome oficial – estudou na escola comum, o que era raro pois aos judeus só era reservada uma restrita quota de acesso.

O ambiente hostil dos pogroms e a onda de antisemitismo crescia na região. Em Kiev, descobriu que não teria direito de se estabelecer como cidadão. Esta crescente instabilidade social afetou sobremaneira a sua obra. Esta mesma motivação o levou a focalizar, na sua escrita, o shtetl, a pequena vila onde os judeus levavam seu cotidiano marcado ao mesmo tempo pela miséria material e pela riqueza de tipos humanos.

A obra de Sholem Aleichem, ainda que prenunciasse os tempos difíceis que viriam, é obra que celebra a vida. O convívio com as rotinas da shtetl lhe deu suficiente munição para o seu trabalho literário. A narrativa em primeira pessoa marca o seu estilo literário que se aproxima da tradição da narrativa oral. O narrador conta o fato ocorrido quase sempre centrado no drama humano presente nos eventos simples do cotidiano.

Qual o alcance da pena de um escritor? Qual a sua função na sociedade? O olhar do escritor pode ajudar a compreender o passado? Ou quem sabe, profetizar, lançar luzes sobre o futuro?

A resposta é “sim”, literatura exerce estas funções e mais. Sholem Aleichem não se surpreenderia ao ver os refugiados deslocados dos seus países a vagar em busca de um porto seguro, tampouco se surpreenderia ao ver o pensamento radical extremista, a intolerância religiosa e étnica. A obra de Sholem Aleichem é atual pois o drama humano não mudou, nem o papel da literatura.

Sholem aleichem (a paz seja convosco).

Resumo de texto de Decio Zylbersztajn.

Veja o texto completo em:

<https://zylberblog.wordpress.com/2016/02/08/scholem-aleichem-1859-1916/>

SHABAT NO BEIT MIDRASH MASSORET

HORÁRIOS

Kabalat Shabat: sextas às 19:00

Shacharit Shabat: sábados às 10:00

Avenida Doutor Arnaldo, 1504, Metrô Sumaré
Sumaré - São Paulo capital



Massoret HaBrit é de responsabilidade do Beit Midrash Massoret
Texto: Maurício Mindrisz. Edição de arte: Tiago Galvão.